

Ensaio: Chega ao Brasil 'Dante, poeta do mundo secular', de Auerbach • 3

PROSA & VERSO

Filosofia: A obra de Walter Benjamin ganha um balanço crítico • 6

SÁBADO, 12 DE JULHO DE 1997

Laboratório de poesias

José Paulo Paes defende o direito à desinformação e diz que jovens não sabem se expressar

ENTREVISTA

José Paulo Paes

Nascido em Taquaritinga, São Paulo, em 1926, o poeta, tradutor e ensaísta José Paulo Paes trabalhou durante anos num laboratório farmacêutico antes de dedicar à literatura. Tal-

vez tenha alguma relação com esse passado incomum entre os escritores sua habilidade de combinar, numa fórmula rigorosa eficaz, concisão, elegância e astúcia. É o caso dos ensaios reunidos em "Os perigos da poesia", lançado pela editora Topbooks. Marcados por uma "eru-

dição sem pedanteria" (como afirma Ivan Junqueira na orelha do livro) os textos de Paes traçam diagnósticos precisos sobre poetas brasileiros e estrangeiros, novos ou consagrados. Nesta entrevista, ele analisa seu ofício e combate o empobrecimento da língua portuguesa.

Luciano Trigo

O GLOBO: O senhor acha que vivemos a época do "vazio do excesso"? Temos uma infinidade de informações à disposição, mas não conseguimos digerir-las. A que estado de coisas isso pode levar?

JOSÉ PAULO PAES: Acho, sim. Vivemos soterrados sob toneladas de informação irrelevante. Numa entrevista, defendi há tempos o meu direito à desinformação, dizendo que a guerra de Tróia me interessava muito mais do que a guerra do Golfo. Para ter valor, a informação precisa ser seletiva. Se não, acabaremos ou viciados ou internéscios — para citar a mais recente manifestação da idolatria da informação as mais das vezes irrelevante.

• Seu novo livro se chama "Os perigos da poesia". Desprovida de seu componente subversivo de tempos atrás, que perigos pode representar a poesia?

PAES: O perigo de levar à descoberta das fontes criativas da linguagem, ao seu poder fundador. O perigo de revelar, no espetáculo da vida e no convívio das pessoas, o que, para além das aparências convencionais, têm de mais autêntico. O perigo de tornar intoleráveis a vulgaridade, a grosseria e a violência. O perigo de mostrar que o possível e o impossível são mais comutáveis do que comumente se pensa.

• O senhor considera que algumas letras de compositores da MPB podem ser incluídas entre o que de melhor se produz na poesia brasileira hoje?

PAES: Discuti essa questão num dos ensaios de meu livro "Gregos & bairanos". Acho que poema é uma coisa, letra de música outra. O poema existe por si; a letra de música fica capenga, não se agüenta em pé se dissociada da melodia para a qual foi escrita. Será que alguém ainda se compraz em ler libretos de ópera? Versos desses libretos só sobrevivem em algumas árias mais célebres por causa da música a que serviram. Esta, no entanto, tem existência própria, tanto assim que há, dela, versões puramente instrumentais. Já quando o compositor música um poema preexistente, a caixa muda de figura.

• A distinção entre alta cultura e cultura popular conserva algum sentido?

PAES: Sim, o de satisfazer diferentes apeliências e interesses humanos. Ninguém vai procurar num thriller de Raymond Chandler o mesmo que espera encontrar em "A vida: modo de usar", de Georges Pérec. Cada nível, no continuum da cultura, deve ser julgado em termos de seus próprios valores. Deprecar o popular no confronto com o erudito é um equívoco tão grande quanto sobrestimá-lo. Cada um tem a sua pró-

pria escala de valor e só dentro dela cabe julgar-lhe as manifestações.

• Uma de suas preocupações é o empobrecimento do português falado no Brasil, sobretudo entre os jovens...

PAES: O processo é complexo e envolve numerosos fatores. Não creio que tenha cacife intelectual para discuti-lo em profundidade. Mas parece-me que avultam o sucateamento da escola pública, a comercialização crescente do ensino particular, a lavagem cerebral operada pelos meios de comunicação de massa, a americanização da língua pela invasão crescente de anglicismos supérfluos. Tudo isso leva ao que se poderia chamar patologia da fala. Não me impressionam os solecismos cometidos pelos jovens nas suas conversas. O que me impressiona é a dificuldade deles em formular os pensamentos. Suas frases raramente chegam ao fim. As mais das vezes, são cacos de frases.

• Há poucos dias o diretor da IBM afirmou que os livros desaparecerão enquanto objetos. Existe essa ameaça?

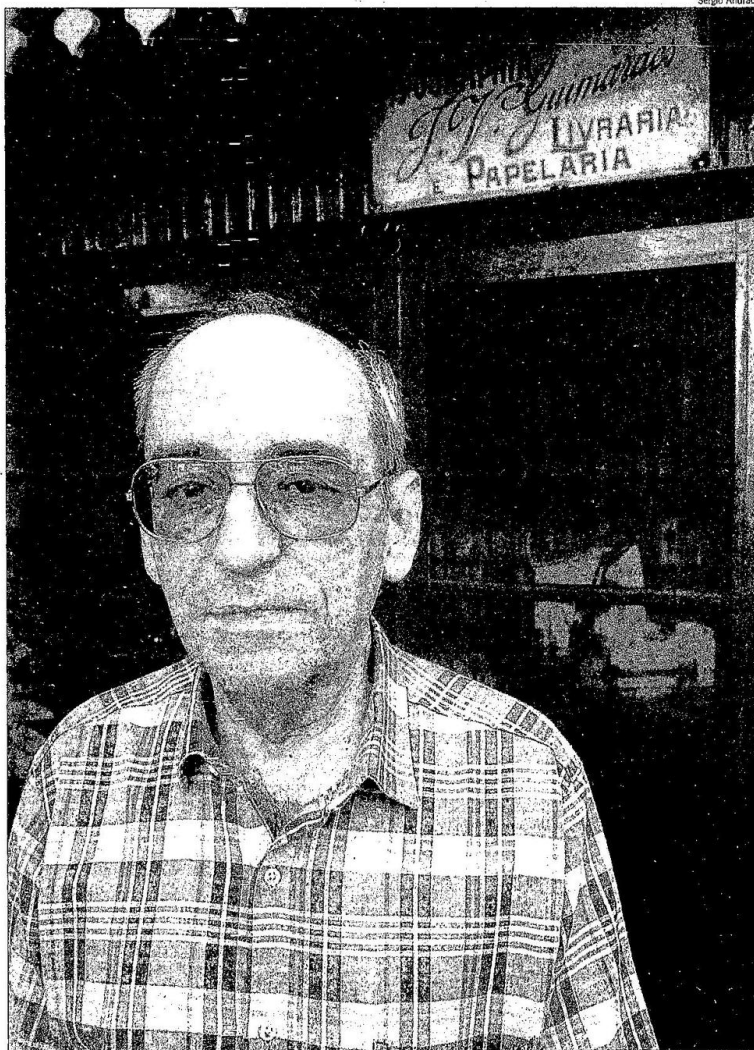
PAES: É curioso como aumenta, a cada dia que passa, o número de coveiros do livro. Esse encarniçamento em matá-lo só serve para provar que ele está mais vivo do que nunca. Pois ninguém se preocupa em matar quem já agoniza por conta própria. Estou certo de que o livro como objeto sobreviverá a todos os futurólogos e informaticistas que tão acodadamente lhe auguram o fim.

• Como vê a situação atual da poesia brasileira? Que autores com menos de 40 anos o senhor aprecia?

PAES: Num artigo recente, escrevi que a poesia brasileira vai sobrevivendo, o que não é pouco. Grandes talentos só nasce branca, não nascem a toda hora. Até que o Brasil não pode se queixar; já teve um bom número deles e é sempre possível que esse número possa aumentar quando menos se espera. Não me preocupo com a idade dos poetas que leio: preocupo-me é com a qualidade dos seus escritos. Mas acho que alguns dos que estudo em "Os perigos da poesia" estejam próximo da faixa dos 40. Talvez Carlos Ávila, Glaucio Mattoso, Bernardo de Mendonça, Donizete Galvão, Felipe Fortuna e Flávio Luis Ferrarini. Aprendi com as mulheres que, em matéria de idade, é preferível errar para menos do que para mais...

• O que poderia dizer sobre os autores que concorreram ao prêmio Nestlé na categoria poesia?

PAES: Como raramente leio jornais, não acompanhei os trâmites do prêmio Nestlé. Conheço alguma coisa de Carlito Azevedo e Manoel de Barros. Parecem poetas de talento. *Continua na página 5*



JOSÉ PAULO PAES: "Vivemos soterrados sob toneladas de informação irrelevante. Para ter valor, a informação precisa ser seletiva"

Pampa noir

TABAJARA RUAS

O fascínio

Mistura de romance *noir* americano com novela gótica, **O fascínio** conta a história de um empresário de Porto Alegre, que herda uma fazenda nos pampas — cenário de crimes hediondos — e vê-se envolvido numa trama de perigosas consequências. Um livro que consagra Tabajara Ruas como um dos grandes autores brasileiros contemporâneos.

"A geração de romancistas que faz hoje 40 para 50 anos tem um mestre. E o Brasil pode já orgulhar-se com mais um romancista de nível internacional. (...) Esse mestre tem nome, chama-se Tabajara Ruas."

André Seffrin

O fascínio
Tabajara Ruas
144 páginas
Preço: R\$ 15,00



Nas
melhores
livrarias
(021)
586-2002

Internet: <http://www.editoras.com/record>

